

# IV SEMANA DO CONHECIMENTO

COMPARTILHANDO E FORTALECENDO REDES DE SABERES

6 A 10 DE NOVEMBRO DE 2017



Marque a opção do tipo de trabalho que está inscrevendo:

Resumo

Relato de Caso

## A ESTÉTICA MUSICAL DO TERCEIRO REICH

**AUTOR PRINCIPAL:** Edemilson Antônio Brambilla

**CO-AUTORES:**

**ORIENTADOR:** Gerson Luís Trombetta

**UNIVERSIDADE:** Universidade de Passo Fundo

### INTRODUÇÃO:

Sabe-se do legado que a música possui ao longo de toda a história alemã, mas é a partir do século XIX que escritores, filósofos, críticos e compositores passaram a tomá-la como componente primordial para a definição do caráter e identidade germânicos. Durante o período da Segunda Guerra Mundial, com a chegada do Nacional-Socialismo ao poder, no início da década de 1930, a música desempenhou um importante papel na difusão e legitimação da ideologia nazista, recebendo integral apoio por parte dos líderes do partido, que delegaram a ela o auxílio na reunificação da nação e no reestabelecimento do orgulho alemão perdido após o fim da Primeira Guerra Mundial. Procura-se compreender, através deste estudo, como se deu a utilização da música pelo governo nazista, enquanto um instrumento ideológico que, entre outros aspectos, auxiliou na busca de uma identidade alemã, que legitimasse, de certo modo, o conceito de superioridade racial.

### DESENVOLVIMENTO:

Com o período conflituoso, repleto de contradições e inseguranças vivenciado pelos alemães durante a República de Weimar, as relações entre a comunidade e as atividades musicais amadoras se intensificaram. O partido nazista, percebendo a então importância mobilizadora exercida pela música, impulsionou seu uso em favor de seus ideais. Em alguns de seus pronunciamentos, Joseph Goebbels, Ministro da Propaganda alemão, buscou definir o que seria, sob a ótica nazista, uma música genuinamente alemã, símbolo de autonomia e identidade germânicas.

Goebbels, ao elencar “Os Dez Princípios para a Criação da Música Alemã”, durante as “Jornadas Musicais do Reich” (Reichsmusiktage), ocorridas entre 22 e 29 de maio de 1938, em Düsseldorf, afirmou que: a essência da música encontra-se na melodia, já que ela eleva o coração e revigora os espíritos, devendo ser a música popular a

# IV SEMANA DO CONHECIMENTO

COMPARTILHANDO E FORTALECENDO  
REDES DE SABERES

6 A 10 DE NOVEMBRO DE 2017



preferida, pois atrai um grande público, especialmente em um período onde os líderes da nação são obrigados a proporcionar relaxamento, diversão e restauro para o seu povo, atualmente confrontado com ansiedades profundas; a música tem sua origem nos poderes misteriosos e profundos enraizados no caráter popular, e sua prática deve ser realizada apenas por descendentes mergulhados em sua herança nacional, ao ponto em que judaísmo e música alemã são opostos, pois encontram-se em radical contradição; a música é a mais sensual das artes e por isso apela mais para o coração e para as emoções do que para o intelecto, devendo sempre retornar à melodia vivaz, à raiz de sua existência; os grandes mestres do passado, a exemplo de compositores como Richard Wagner, representam a verdadeira majestade do nosso povo e são merecedores de reverência e respeito, verdadeiros monarcas pela graça de Deus, destinados a receber a fama e a honra de nossa nação.

Carregado de grande apelo emocional, o discurso de Goebbels parece deixar claro os princípios estéticos e ideológicos defendidos pelo nazismo com relação à música. É possível perceber o anseio pela volta às origens gloriosas do povo alemão, através da preferência por obras musicais com características nacional-populares – geralmente baseadas em textos medievais ou em canções românticas do século XIX –, encontradas em compositores como Beethoven e Wagner, negando assim, toda a música considerada pelos nazistas como sendo “degenerada”, inadequada ou transgressora, produzida por judeus, negros, ou então por correntes como a chamada Escola de Viena, tendo em vista que, neste caso, durante esse período a harmonia tonal passou a simbolizar “poder” e “autonomia”, enquanto os sons dissonantes tendiam a representar a “desordem” e o “caos”, e eram vistos como símbolo de uma sociedade conflituosa e decadente, implicando assim, diretamente na ideia nazista de uma nova Alemanha, unificada e progressista.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Embora durante todo o seu governo o partido nazista nunca tenha estabelecido métodos precisos para a definição de uma música considerada “oficial” ou “degenerada”, o relevante papel delegado a ela fica evidente, estando sempre ligada a ideais nacionalistas, de raça ou identitários, fortalecendo a disciplina e voltando-se ao resgate das tradições, do orgulho e do caráter alemão.

## REFERÊNCIAS:

CONTIER, A. D. Arte e Estado: música e poder na Alemanha dos anos 30. Revista Brasileira de História, v. 8, n. 15, p. 107-122, set. 1987-fev.1988.

POTTER, P. M. A mais alemã das artes: musicologia e sociedade da República de Weimar ao fim da era nazista. São Paulo: Perspectiva, 2015. 528p.

# IV SEMANA DO CONHECIMENTO

COMPARTILHANDO E FORTALECENDO  
REDES DE SABERES

6 A 10 DE NOVEMBRO DE 2017



TOMÁS, L. Música em tempos sombrios: apontamentos sobre a estética musical no III Reich. Per Musi. Belo Horizonte: UFMG, n.35, p.79-99.

**NÚMERO DA APROVAÇÃO CEP OU CEUA (para trabalhos de pesquisa):** Número da aprovação.

**ANEXOS:**

Poderá ser apresentada somente uma página com anexos (figuras e/ou tabelas), se necessário.